



se, por um lado, o tratamento dado a Bakhtin como uma espécie de teórico de base para virtualmente qualquer abordagem de gênero o credencia a integrar toda tentativa de síntese dos estudos brasileiros, por outro lado, parece sugerir, pelo menos para pesquisadores iniciantes, a diluição das especificidades de cada teoria, visto que todas elas, de alguma forma, pareceriam originar-se em Bakhtin.[...](BEZERRA, 2017, p.101)

Portanto, a nossa questão é identificar se os estudos dos multiletramentos com base em características do texto contemporâneo, multissemiótico e/ou multimodal que envolvem diversas linguagens, mídias e tecnologias coloca algum desafio para os atuais estudos da teoria dos gêneros do discurso ou se já estava, de alguma forma, na agenda discursiva da teoria de gêneros na perspectiva bakhtiniana.

Quanto aos procedimentos metodológicos, entendemos ser uma pesquisa bibliográfica sobre as principais teorias que norteiam os trabalhos de alguns autores que discutem linguagem, gêneros discursivos e multiletramentos: Bakhtin (2016; 2018), Brait e Pistori (2012), Rojo (2005, 2013), Marcuschi (2010) e Bezerra (2017). Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266), “a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese), por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”.

2. Os gêneros do discurso e a necessidade das práticas sociais

Os gêneros são reconhecidos por características distintas que parecem nos dizer muito sobre sua função, seja por base em nosso conhecimento de mundo ou porque fazem parte das situações comunicativas presentes nas práticas sociais: um e-mail, um cartaz, um artigo de opinião, um artigo científico, uma charge, um blog, entre outros.

Para Marcuschi (2010), os gêneros são:

[...] entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. (MARCUSCHI, 2010, p. 19)

Assim, Marcuschi (2010, p. 19) complementa, ainda, ao afirmar que os gêneros se caracterizam como “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”, ou seja, surgem conforme as necessidades e atividades socioculturais, bem como no avanço das transformações tecnológicas. O que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros existentes hoje em relação ao que era possível identificar nas sociedades precedentes.

Como cada situação comunicativa é promovida dentro de uma determinada esfera da atividade humana, também os gêneros são organizados atendendo a cada especificidade dessas esferas. A esse pensamento estreitamos aqui a relação com o conceito-chave extraído da obra luz em nosso diálogo: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora



seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso”. (Bakhtin, 2016, p.12)

As práticas sociais promovem os diversos usos da linguagem e os gêneros foram e são provenientes dessa atualização das práticas discursivas, pois desenvolvem, desde os primórdios, uma função social. Nesse caminho, todas as dimensões dos gêneros discursivos se configuram em enunciados sóciohistóricos, relativamente estáveis e normativos, que estão vinculadas às situações sociais de interação humana.

3. Os gêneros emergentes e os multiletramentos

Os usuários digitais, principalmente os chamados “nativos digitais”, inseridos numa sociedade letrada e digital, que tem a sua disposição novas ferramentas e acessos à comunicação e informação, dinamizam e proporcionam novos letramentos negociando modalidades e semioses diversas. Para Magda Soares (2000, p. 47), letramento “é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita.” (SOARES, 2000, p. 47). Para enfatizar o foco nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), assumiremos a perspectiva dos Multiletramentos como mencionada em Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012, p. 13),

[...] o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO; MOURA, 2012, p.13)

Considerando as novas formas de produção, leitura, escrita e circulação dos textos que implicam os multiletramentos, as mudanças relativas aos meios de comunicação que, hoje em dia, também modificam os meios impressos, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin traz importantes afirmações que dão lugar a criação de novos gêneros discursivos:

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...] Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade. (BAKHTIN, 2008, p.340, grifo nosso).

Inspirados nessa abordagem e levando em consideração a historicidade das atividades comunicativas socioculturais relacionadas desde a cultura essencialmente oral até a cultura eletrônica atual, observamos a crescente construção de novos gêneros e formas cada vez mais atuais de práticas sociais de linguagem que mesclam oralidade e escrita. Bakhtin numa linha tênue entre as relações social,



histórica e de linguagem mencionou:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2016, p.20)

Viabilizados pelas tecnologias, este seria um ponto importante para colocar em prática o estudo de “gêneros emergentes” (MARCUSCHI, 2010) como, o *twitter*, as *fanfictions*, os *blogs*, *vlogs*, *podcasts*, dentre outros gêneros, “captando sua atualidade, sua inovação, sua dimensão individual e coletiva” (BRAIT; PISTORI, 2012), estabelecendo novas relações, diminuindo fronteiras e estreitando as relações entre as múltiplas modalidades comunicativas.

Ancorados na perspectiva de que cada sociedade em determinada época ou lugar é contemporânea em relação a um período anterior a ela mesma, percebemos que nos processos de produção, transformação e multiplicação de linguagens, novos gêneros e os novos letramentos surgiram e surgem decorrentes das emergências daquela sociedade que um dia já foi contemporânea. Nas palavras de Bakhtin, “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...] O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.” (BAKHTIN, 2008, p.121).

Em um ambiente digital, todos os elementos que compõem a multimodalidade, o texto, o suporte, o design da tela, o arranjo dos diversos itens, as formas, os tamanhos, as cores, vão para além da função estética, pois eles também participam da construção de sentido pelo sujeito, ajudam a definir as escolhas que serão feitas, a navegação, a escrita, etc. A esse respeito, Bakhtin (2018, p. 282) já argumentava:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2018, p. 282)

Ou seja, de acordo com Bakhtin (2018), o sujeito elege um gênero confiando ser este o mais adequado para expressar seu projeto discursivo. Isto é, o falante ou escrevente adapta sua “vontade discursiva” a um gênero, levando em consideração o quanto este gênero é apropriado para versar sobre o tema que pretende discorrer e avaliando também as características do “campo da comunicação discursiva” em que concretizará seu enunciado. Nesse sentido, o sujeito utiliza seus *metaconhecimentos* e os recursos disponíveis conectando os diversos modos de enunciação aos diferentes meios e modos de comunicação.

4. Afinal, o que tem de contemporâneo na teoria dos gêneros do





Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro questões [meta]teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola, 2017.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, rev. linguíst. (São José Rio Preto) [online]. 2012, vol.56, n.2, pp.371-401. ISSN 1981-5794. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942012000200002>.

GERALD, J. W. A escola e as tecnologias. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre (UEADSL), 2018, Belo Horizonte. **Anais do UEADSL 2018.2**, v. 2, n. 9 (2018). Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/14474>>. Acesso em 25 abr. 20.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**, Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (organizadoras). São Paulo: Parábola, 2010.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.) **Pedagogia dos multiletramentos**: multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. H. R. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.